



CASTELLO

40 ANOS DE JORNALISMO

CASTELLO:

40 ANOS DE JORNALISMO

O REPÓRTER SEM DEFEITOS

EVANDRO CARLOS ANDRADE

Se fosse possível calcular a proporção, eu diria que mais da metade do que aprendi na profissão eu aprendi, modéstia à parte, com Carlos Castello Branco.

Ele agora completa 40 anos de profissão, e, embora eu mal houvesse nascido quando ele começou, estivemos lado a lado mais da metade desse tempo percorrido.

E assim eu me considero autoridade para dar um pequeno depoimento sobre esse meu compadre, amigo e irmão, mas sobretudo mestre de coisas que ele menos aprendeu do que inventou.

Porque no Brasil o jornalismo político tal como é hoje praticado foi invenção do Castello. O que existia antes era o panfleto, o jornalismo participatório, conspirador — e não o frio, isento jornalismo de testemunho que ele introduziu em nossa imprensa. E nem se diga que foi aprender longe daqui. É coisa da personalidade. Castello nasceu para juiz — com um defeito. Porque, se é incorruptível e capaz de distanciar-se do conflito para avaliá-lo melhor, não resiste à tentação de resumir qualquer sentença numa frase brilhante, o que lhe dá à intimidade um leve tom maniqueísta.

Mas repórter, sem defeitos. Não só o melhor que já houve, mas o melhor repórter político que há. Pena que não sustente, já há tempos, o antigo entusiasmo pela mais nobre das atividades de jornal, na verdade a única que deveria autorizar o uso do título de jornalista.

O repórter Castello é implacável, sereno, absolutamente fiel aos fatos, que relata em texto brilhante — como muitos

outros. O que o torna único é o conhecimento da psicologia dos entrevistados, uma incrível intuição para perceber os interesses ocultos em causa, e uma profunda sabedoria, para a qual concorre a grande experiência — o muito que leu e entendeu, e principalmente o muito que viveu e sofreu.

O Castelinho hoje deixa-se envolver pelo charme das rébarbas da glória e compromete parte de seu tempo em empreendimentos generosos, como o exercício de lideranças de classe, tarefa que, como ele sempre disse, fica bem melhor na mão de comunistas e outros dedicados. Mas ainda assim o temos quase todo dia na coluna em que, apesar de menos movimentado, capta com a sua anteninha o que anda por aí, e fustiga com a mesma e velha sem-cerimônia os poderosos do dia, aos quais atribui invariavelmente a importância que neles em geral reconhece, isto é, nenhuma.

CASTELLO DE GRAÇA E SAL

FERNANDO PEDREIRA

Sou um retardatário em matéria de Carlos Castello Branco, mas, ao longo dos últimos dezenove anos, espero ter recuperado ao menos parte do tempo perdido. Conheci-o em 1960, logo depois da inauguração de Brasília. Na época, eu mesmo apenas começava no jornalismo político e minha ambição era fazer alguma coisa como a seção que ele escrevia para a Revista **O Cruzeiro**. Essa seção, entretanto, sumiu logo e o que ficou foi a sua coluna diária, que ia tornar-se Coluna do Castello.

Antes desses anos todos de censura e de poder militar, a coluna era mais cheia de malícia, de graça e de sal. Mas, ninguém dirá que o longo período revolucionário tenha feito mal ao Castello, porque ele, como bom nordestino, cresce na adversidade. A coluna ganhou em peso político e autoridade moral, em prestígio e popularidade, até tornar-se (como é, já há alguns anos) uma instituição brasileira, um dos pilares da República. E a culpa não é do Castello se a República, algumas vezes, em vez de assentar-se nela, vai esconder-se em algum porão escuro.

A verdade é que a nossa República não é de confiança. Talvez não fique bem aos jornalistas dizerem isto, mas o fato é que a imprensa, entre nós, (como a OAB de Sobral Pinto e Faoro), tem sido melhor política, freqüentemente bem melhor que governos e governantes. Em abril de 1964, quando despon-tava a Presidência do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, perguntei ao Castelinho se o Marechal era parente seu. Ele respondeu com a sua maneira característica: "parente longe, né? Mas está se aproximando."

Pena que não tenha chegado ainda mais perto. Pena que, antes e depois do Marechal, outros governos e governantes menores, tenham às vezes até perdido de visita o padrão e o exemplo do nosso Castello. Pior para eles.

COLUNA, CARLOS, CASTELLO

OTTO LARA RESENDE

De pequena estatura, cara oblonga de piauiense, recheado de silêncio, o Carlos Castello Branco dos tempos iniciais de Belo Horizonte, quando lá chegou, pouco tem a ver, aparentemente, com o homem desenvolvido e o ágil colunista político de hoje.

Naquele tempo remoto, Carlos era a nossa versão íntima do Carlitos, sem acrobacias e sem lances sentimentais. E todavia ninguém era mais sério, mais dedicado ao trabalho; ninguém era mais objetivo e era em princípio mais rigorosamente isento.

Logo observamos naquele adolescente encabulado uma nota que anos depois Rubem Braga veio jocosamente a classificar de maligna. Era sóbria, o seu tanto implacável, com pretensão de laboratório. Carlos pretendia ver a vida e os homens com um olhar científico, sem paixão, amiga ou adversa.

Está claro que o destino aqui e ali driblou-o; e impôs-lhe também outros critérios. Num certo sentido, para não dizer num sentido certo, a vida humanizou-o, aparando aquelas rebarbas adolescentes que todos trazemos e que nele vinham de um Piauí bastante singular e distante, a julgar pelo que ele próprio nos contava.

Não sei até onde Minas, até onde o molde mineiro modelou esse piauiense que podia ser hoje senador pelo seu ebullente Estado ou pacato Governador de Minas. . . Não sei avaliar até onde os anos que viveu em Minas e os muitos anos que depois conviveu com os mineiros contaram no desenho do seu perfil moral e psicológico. Sei que desde sempre, desde o primeiro

momento, ele foi um dos nossos, ainda que tenhamos queixas recíprocas. Até nisto, esse piauiense é mineiro, mineiro exilado como nós; até no rigor com que o julgamos, julgando-nos.

Carlos Castello Branco, com seu passinho de Carlitos, seu vivo olhar de disfarçado interesse, sua isenção e seu secreto diamante que o sofrimento lapidou, é o mesmo personagem de sempre, o seu tanto soterrado pelo tempo, pelas alegrias e ilusões que a vida nos distribui com o exato sentido da injustiça. Falando baixo e cada vez com mais difícil elocução, seu peso específico é o mesmo dos velhos tempos — o senso de humor e o bom riso de todas as noites boêmias, de todos os domingos de folga. Era um andar sem conta atrás da festa que não há. Não buscávamos moinhos de vento. Buscávamos entender-nos, num egotismo bastante mórbido.

Quarenta anos depois de ter entrado anônimo na redação de **O Estado de Minas**, Carlos Castello Branco terá se entendido? Terá encontrado a palavra-chave? A verdade é que sempre aceitou a vida sem interrogações e enfrentou impávido dificuldades que pudessem deitar raízes no solo metafísico que insiste em desconhecer. Carlos foi em frente. Viveu a cada dia o seu dia. Cumpriu fielmente o seu dever. Não olhou para trás, nem parou no êxtase inútil ou estéril que o demônio do meio-dia, ultrapassado, insiste em minuciosamente armar aos seus infieis. Temos estado próximos todos os dias de todos estes longos anos.

Aos 58 anos de idade, com 40 de batente jornalístico, que é que tem a ver esse Carlos Castello Branco de hoje com esse outro que encontramos no começo de nossa jornada? O mau observador dirá que nada. Sabemos nós que tem a ver, como muitíssimo tem a ver o carvalho com a semente de que saiu; saímos todos mais ou menos das mesmas circunstâncias, do mesmo contexto, da mesma conjuntura histórica. A experiência da vida terá polido arestas e quem sabe até veio a pôr algum algodão entre os nossos pobres e altivos cristais adolescentes.

Carlos Castello Branco não precisa olhar para trás, se quiser reencontrar-se; pode igualmente encarar o futuro com tranquilidade. O tempo tornou-o mais jovem: desatou-lhe a língua, raspou-lhe a timidez, depositou em seu coração as inevitáveis gotas de sabedoria e angústia. Em suma: deu forma definitiva ao adolescente que um dia conhecemos como o nosso Charlot e que é hoje, dispensando adjetivos, essa coluna-mestra que se assina Carlos Castello Branco.

CASTELLO, DESDE 45

POMPEU DE SOUSA

Do meu primeiro encontro com Carlos Castello Branco vim a saber vários anos depois, por Paulinho Mendes Campós, ou Otto Lara Resende, ou Fernando Sabino; em suma, por um dos companheiros desse piauiense que com eles compunha a representação de Minas Gerais no I Congresso Brasileiro de Escritores, aquele que, nos primeiros dias de 1945, lançou, numa Declaração de Princípios, o primeiro documento público pela derrubada do Estado Novo. Naquele Congresso, eu, cearense, era membro da delegação carioca, e, eleito relator da comissão que provavelmente recebeu maior número de teses, apliquei-me a relatá-las em plenário com as abundâncias com que costumo encarregar-me das cousas. Foi então que Castello virou-se para seus mais chegados companheiros de delegação e falou:

— Que é que nós viemos fazer aqui? Ouvir esse Pompeu de Sousa falar?

Embora conheça o episódio narrado na terceira pessoa, revejo-o em tudo, até no tom de voz, quando vejo aquele excelente anúncio de televisão em que o Adoniran Barbosa, em meio a uma festividade com muito discurso, vira-se para os circunstantes e pergunta, entre decepcionado e sedento:

— Afinal, nós viemos aqui pra beber ou pra conversar?

Nós tínhamos ido lá para tentar começar a derrubar o Estado Novo. E começamos.

Nossa amizade, porém, começou bem depois. Começou quando ele, Castello, já no Rio, era Secretário de **O Jornal** e eu,

ainda Chefe da Redação do **Diário Carioca**. Começou nas ceias inesquecíveis, depois do trabalho, no extinto e demolido Restaurante Colombo, esquina de Sete de Setembro com Travessa do Ouvidor, onde Prudente de Moraes, neto, e eu éramos par constante e Castello era dos mais freqüentes entre tantos outros colegas de profissão e de noites mui saudosas.

Para os que conheçam apenas o Castello dos últimos anos, é preciso contar uma particularidade que, a esses, hoje, há de parecer difícil de crer. Decerto que ele era essa mesma pequenina figura de pernas curtas e alígeras que o deslocam com a miúda rapidez daquelas minúsculas bailarinas chinesas cujos passos nem se vêem mas parecem deslizar velozes sobre invíveis patins. O mesmo rosto inconfundível, apenas um pouco menos gordo, e que o fazia e faz, estranhamente, parecer, ao mesmo tempo, com duas feiuras aparentemente tão diversas: a do Marechal Eurico Dutra e a do Marechal Humberto Castello Branco, esse, por sinal, seu parente remoto. O mesmo ar, entre suspicaz e malicioso (que Otto Lara diria maligno), que lhe vinha e vem não sei donde, talvez da boca e dos olhos, e que faria Assis Chateaubriand chamá-lo, às vezes, de “pequeno sabotador”. Tinha, entretanto, a essa altura, uma característica que hoje perdeu por completo: não falava. Emitia um som gutural e inarticulado, indefinível e irreproduzível graficamente — alguma coisa entre “ahn” e “ohn” — que queria dizer “sim”, ou “não”, ou “talvez”, ou qualquer coisa, tudo dependendo da inflexão, que aliás era quase nenhuma e quase inaudível. Mas, ao fim da madrugada, ele tinha dito, em meio à nossa algaravia, cinco ou seis frases, curtas e definitivas, que a gente levava pra casa.

Por isso, certamente, é que não descansei enquanto não o arranquei da função de Secretário de **O Jornal** para a do que então chamávamos Chefe da Reportagem Política do **Diário Carioca**. Aliás, foi uma proeza: o **O Jornal** ostentava, então, no cabeçalho, orgulhosamente, o brasão de “órgão líder dos Diários Associados”, a maior cadeia jornalística do País e dessas bandas ibero-americanas; enquanto que o **Diário Carioca** era

um pequeno jornal boêmio, pequeno e pobre, com salários habitualmente atrasados; a ponto de Assis Chateaubriand, toda vez que me via, repetir-me: “Eu não me conformo, seu Pompeu; você é um capitão de longo curso, deve comandar um transatlântico, como **O Jornal**; o **Diário Carioca** é uma falua”. Era uma falua, sim, mas tinha um charme! Foi a esse charme que não resistiu o nosso Castello e, logo, lá estava ele no nosso **DC**, a chefiar a reportagem política, a escrever o artigo-de-fundo (“A Nossa Opinião”) e a inventar dois deliciosos palmos de prosa em duas colunas, que foi a mãe da atual “Coluna do Castello”: o “Diário de um Repórter”. Tudo com a mesma rapidez, facilidade e a alta marca de qualidade que punha, e põe, em tudo quanto escreve.

No fim da tarde, entrava apressado pela Redação, contava-me apressado duas ou três notícias mais importantes, sentava apressado à máquina, onde despejava apressado as matérias políticas principais e mais o “Diário de um Repórter”. Em seguida, semi-sentava apressado numa cadeira a meu lado ou debruçava apressado sobre minha mesa e perguntava apressado: “Qual é o assunto da Opinião?”. Às vezes eu respondia: *ad libitum*. E, mal acabava de dizê-lo, ele já me entregava apressado o artigo, num instante pronto. Pronto e ótimo. Quando, como era mais freqüente, eu tinha algum assunto a dar-lhe, ele mal começava a ouvir-me e, sem esperar que eu concluísse, interrompia-me: “Chega, já tem assunto pra dois artigos”. Tinha mesmo, e apressado o escrevia, ou os escrevia, um ou dois, tão rápido e fácil e sem revisão e ótimos como todos os outros. Com uma particularidade a mais: freqüentemente, o tema e a orientação dos artigos eram exatamente o oposto do que Castello pensava; e, entretanto, lá lhe saíam de uma clareza, limpidez e força de argumentação irresistíveis. Não era mercenarismo; era profissionalismo: no que assinava, não transigia — o resto, não era com ele. Mas, em tudo, a mesma qualidade. Em tudo, nele, a mesma qualidade sempre: na notícia, na coluna, no artigo. No estilo e no homem.

Não saiu mais do **Diário Carioca**. Só quando um sedutor, Jânio Quadros, o desencaminhou, como a tantos outros, a milhões de outros neste País, e o levou para o Governo. Assim mesmo não chegou a sair; não deixamos, Horácio de Carvalho e eu, que ele saísse do **Diário Carioca**: apenas licenciou-se. Por tempo indeterminado. O **Diário Carioca** acabou; a licença de Castello, não. Até hoje está licenciado do **DC**; para nós, continua apenas emprestado pelo **DC** ao **JB**. E, na verdade, ninguém como ele, na imprensa brasileira, é, hoje, pela atitude e a altitude, o sucessor legítimo do jornalismo de J. E. de Macedo Soares.

Tudo isso nos ligou para sempre. Desde antes disso tudo, aliás. Desde o tempo do songamonga Secretário de **O Jornal**, quando verdadeiramente nos descobrimos um para o outro. Foi nesse tempo que lhe surgiu, na vida e na sua Redação, algo que era assim um escândalo para os costumes da época: uma moça repórter. Viera, moça e bela, da Bahia para a Redação de **O Jornal** e para a vida de Castello. Namoraram, sob meus auspícios, nas ceias do Colombo, depois do trabalho, e nas compridas madrugadas, depois das ceias, em que a levávamos a pé, da Rua Sete à pensão onde morava, nas Laranjeiras, eu e ela a cantar velhos sambas, Castello calado, que na época não era mesmo de falar, e de cantar nunca foi. Um dia, uma manhã, foram à igreja do Largo do Machado e casaram, eu de padrinho. E assim se tornou minha afilhada, muito querida, a então minha jovem colega, Jornalista Élvia Lordello de Mello, hoje Sua Excelência a Procuradora-Geral, Doutora Élvia Lordello de Castello Branco. Poucos anos depois, Castello, nas tardes de sábado, chegaria mais cedo e menos apressado à Redação do **Diário Carioca**, levando pela mão um diabrete lindo chamado Luciana, a qual, enquanto o pai escrevia as notícias e o artigo o "Diário de um Repórter", ajoelhava-se numa cadeira e, afinadamente, quebrava alguma outra velha máquina de escrever do nosso velho **DC**. Muitos anos depois, há pouco mais de um ano, quando meu filho que tem meu nome casou, aqui em Brasília, Élvia e Castello foram padrinhos; e, assim, tornaram-se, além de afilhados, meus compadres.

Hoje, ele e eu vimos, ambos, para que fomos àquele I Congresso Brasileiro de Escritores, nos velhos dias do nascente ano de 45, quando aliás abraçamos pela última vez, na sua Paulicéia Desvairada, nosso amigo Mário de Andrade, que morreria apenas alguns dias depois. Tínhamos ido para que a vida nos unisse. Para sempre. Além de começar a derrubada do Estado Novo, naturalmente.

**Comitê das Comemorações dos Quarenta Anos de Jornalismo de Carlos
Castello Branco**

Afrânio de Mello Franco Nabuco

Antônio Carlos Drummond

Antônio Martins de Vasconcellos

Antônio Teixeira Junior

José Aparecido de Oliveira

José Carlos de Andrade

José Sarney

Roberto Macedo

(Brasília, 28 de março de 1979.)



A GLÓRIA SEM SOMBRAS

JOSÉ SARNEY

Castello tem um lugar de Santo na história do jornalismo político do País. Tivemos grandes panfletários, articulistas, polemizadores. Mas, Castello é sem dúvida o maior, pela obra vasta e importante já realizada. A ele corresponde um tempo de jornalismo difícil que necessitava de imaginação e sabedoria, argúcia e sutileza, verdade e fantasia, para que pudesse existir. Era a notícia colorida em termos de análise, uma coluna inteira para dar a informação de uma frase que, diluída, não era fácil de ser visgada, mas era tão evidente que não podia deixar de ser entendida.

Há 20 anos somos colegas de trabalho. Ele escrevendo, eu descrevendo. Em Castello conheci o repórter frio, da notícia exata. Conheci o articulista venenoso, cáustico e impiedoso. Conheci o escritor primoroso, leve, claro, sem adjetivos, que se sublimou nos últimos anos, depurando um estilo inconfundível, até subir a grande escada da notável carreira que hoje o coloca em um lugar solar, sem sombras.

Em Castello conheci a figura humana que tem pela política uma frigidez sensual. Ele a trata com a neutralidade daqueles cirurgiões do Vietnã, mexendo em vísceras, sangue e vida, entre ironias e tristezas. Mas, no fundo ele finge tudo isso, para esconder a grande paixão que é a semente de sua lavoura, o seu próprio campo, isto é, a própria política. Tudo que faz é fruto do talento de fazer, com a competência com que faz.

Quando o seu coração pareceu fracassar, os nossos corações sofreram. A vida lhe tem sido dura, mas, ele a tem enfrentado como um deus, impávido, seguro, estranho, patético.

Loquaz até o terceiro sim e não. Desabrido quando a maledicência é vária e inconseqüente, assim como o exercício de

nada dizer. Mais do que qualquer um, posso confessar, como seu amigo dos mais convividos, que em Castello é difícil misturar a política com a afeição. Certa vez elogiou um parecer que fiz: chamou-o de “brilhante parecer”. Telefonei-lhe agradecendo. Veio a resposta irônica:

— Mas, você Sarney, nessa idade, com essa história de agradecimentos. . .

E eu respondi:

— Não, Castello, eu te conheço demais. Não é pelo elogio, é pelo adjetivo “brilhante”!

Veio a rizada contida e o “assim vai”.

Outra feita:

Estava em São Luís. Era Governador, chega Castello no dia em que também chegava o General Comandante da Região. A tropa estava formada para as continências de estilo. Castello salta. A tropa perfila-se. Vem o toque de comandante. As apresentações de armas. Castello atravessa os soldados naquele passinho firme e ligeiro, cabeça mergulhada no tronco, resmungando e vai para o seu aposento. Depois, chega ao meu Gabinete o Coronel, Comandante da Guarda do Palácio:

— Governador, que General esquisito. Não aceitou a Guarda de Honra e passou no meio da tropa correndo de cabeça baixa.

Viu-se o equívoco. A tropa confundira o Castello com o General e este, quando chegou, foi recebido pelos jornalistas. À noite gozamos o fato e eu disse a Castello:

— Você, aqui, com honras de General e ainda reclama?

E ele retrucou:

— Nada disso, o que desejo mesmo é ser Ministro da Guerra.

Era uma confissão que escapava. Alguém pode duvidar, mas, eu não tenho dúvidas: Castello tem uma frustração na vida. Não ter sido Ministro da Guerra. . .